



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

DANIEL BERNARDO DA SILVA

A RELAÇÃO EU-OUTRO EM SARTRE: EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

ANÓPOLIS-GO

2022

DANIEL BERNARDO DA SILVA

A RELAÇÃO EU-OUTRO EM SARTRE: EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do Grau de licenciatura em Filosofia sob orientação do Prof. Ms Pe Gessione Alves da Cunha.
Coorientador: Pe. Ailton Bento Araruna.

Data de Aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

ANÁPOLIS-GO

2022

Dedico este trabalho a Deus e à Virgem Maria pelo conforto nos momentos de dificuldades. Aos meus pais e amigos que me apoiaram e me incentivaram nesta caminhada.

RESUMO

A filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre é bem peculiar e se destaca pela ênfase no indivíduo, fundamentando-se a partir da defesa da liberdade individual. Para adentrar ao pensamento de Sartre, convém a compreensão inicial do Ser e do não Ser- princípio de negação, discutida em sua obra *o ser e o nada*, empregada como enfoco na sua filosofia e elemento basilar para todos os seus aspectos filosóficos. Este trabalho, procurou discorrer sobre a existência e o desenvolvimento do Ser a partir da(s) sua(s) relação(ões) com o(s) outro(s), em um mundo repleto de condutas e objetos, assinalado por um contexto histórico-social da realidade pela consciência. Apoiados na ideia de que o homem é consciente e responsável, deduz-se que é por meio de suas ações que se constrói uma vida repleta de significações apoiados em um projeto. Assim, a formação da consciência permite ao homem superar limites e constituir-se como Ser social e que o movimento relacional Eu-Outro dar sentido e identidade. A(s) relação(ões) humana(s) na construção da sociedade é, portanto, a causa que fundamenta a possibilidade de a filosofia de Sartre ser fundamento para a educação. Foi ainda submetido a uma análise neste estudo, por meio das suas competências gerais, a Base Nacional Comum Curricular do Brasil (BNCC), documento normativo que orienta as modalidades básicas da educação, na rede pública e privada de ensino no Brasil com o intuito de verificar a sua filosofia como possível fundamento e contribuição para a educação.

SUMMARY

Jean-Paul Sartre's existentialist philosophy is very peculiar and stands out for its emphasis on the individual, based on the defense of individual freedom. To get into Sartre's thought, it is convenient to have an initial understanding of Being and non-Being - principle of negation, discussed in his work *Being and Nothingness*, used as a focus in his philosophy and a basic element for all his philosophical aspects. This work sought to discuss the existence and development of the Being from its relationship(s) with the other(s), in a world full of behaviors and objects, marked by a context historical-social reality through consciousness. Supported by the idea that man is conscious and responsible, it is deduced that it is through his actions that a life full of meanings is built, supported by a project. Thus, the formation of consciousness allows man to overcome limits and constitute himself as a social Being and that the relational movement Self-Other gives meaning and identity. The human relationship(s) in the construction of society is, therefore, the cause that underlies the possibility of Sartre's philosophy being the foundation for education. The Base Nacional Comum Curricular do Brasil (BNCC), a normative document that guides the basic modalities of education, in the public and private education network in Brazil, was also submitted to an analysis in this study, through its general competences, in order to verify its philosophy as a possible foundation and contribution to education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 A FUNDAMENTAÇÃO DO SER	8
1.1 Vida e Obra	8
1.2 Em busca do ser	9
1.2.1 O ser-em- si	11
1.2.2 O ser- para- si.....	13
1.2.3 O ser- para- outro	15
2 O SER SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE: DESDOBRAMENTOS A PARTIR DA FILOSOFIA SARTREANA	18
2.1 Ser em sociedade.....	18
2.2 A atual crise existencial.....	22
3 A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA DE SARTRE COMO POSSÍVEL FUNDAMENTO PARA A EDUCAÇÃO	28
3.1 A filosofia da liberdade em Sartre	29
3.2 A educação como prática da liberdade.....	30
3.3 O existencialismo sartreano e a educação	32
3.4 A relação entre Base Nacional Comum Curricular e a filosofia sartreana.....	35
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

INTRODUÇÃO

Jean-Paul Sartre é um dos filósofos mais estudado na modernidade, porém sua filosofia ainda é pouca compreendida. Muitas são as objeções contra a doutrina filosófica existencialista e de modo particular a literatura sartreana, neste sentido, faz-se, portanto, alguns esclarecimentos pertinentes e interpretações coerentes ao seu pensamento e deste modo, (re)direcionar pensamentos que outrora foram e são construídos e assim possibilitar a promoção da filosofia como uma fonte de crescimento pessoal e intelectual.

A filosofia existencialista de Sartre é bem peculiar, decerto que, não se deve escantear o seu pensamento existencialista contemporâneo, pois se torna inviável toda e qualquer abordagem dessa corrente filosófica anulando suas ideias que se destaca pela ênfase no indivíduo e fundamenta-se na defesa liberdade individual.

É, portanto, por experimentos antropológicos, da relação eu-outro, que ele desenvolve todo o seu eixo filosófico e por meio dela evidencia características inerentes ao desenvolvimento da existência humana. É imprescindível ressaltar que muitos problemas emergem a partir da relação Eu e o Outro.

Para adentrar ao pensamento de Sartre, convém a compreensão inicial do Ser e do não Ser- princípio de negação, discutida em sua obra *o ser e o nada*, empregada como enfoco na sua filosofia e elemento basilar para todos os seus aspectos filosóficos. Nesta busca, é possível pensar ontologicamente no ser e não ser? Como o homem difere de ser? O que subsiste ao homem?

Por meio da reflexão dos questionamentos anteriores, faz-se necessário tratar da existência e do desenvolvimento do Ser a partir da(s) relação(ões) com o(s) outro(s), em um mundo repleto de condutas e objetos, assinalado por um contexto histórico-social da realidade pela consciência. Endossar-se-á a ideia de que o homem é consciente e responsável, independentemente do pensamento de doutrinação imposta por instituições e suas tradições, e que é por meio de suas ações é plausível construir uma vida repleta de significações. Contudo, sabe-se que a formação da consciência permite ao homem superar limites e constituir-se como Ser social e que o movimento relacional Eu-Outro dar sentido e identidade.

Destaca-se a(s) relação(ões) humana(s) na construção da sociedade a causa que fundamenta a possibilidade de a filosofia de Sartre ser fundamento para a educação. Muitas são as objeções contrárias a esse pensamento, porém, faz-se necessário um estudo dessa temática, para afirmar ou não, tal possibilidade.

A Base Nacional Comum Curricular do Brasil (BNCC), que se encontra implementada nas modalidades básicas da educação (ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio) na rede pública e privada de ensino, será aqui utilizada como embasamento para uma análise comparação das competências gerais com a filosofia de Sartre como fator que corrobore ou não como fundamento para a educação.

O que se objetiva por meio desse estudo, é, portanto, compreender a filosofia sartreana do Ser, da liberdade individual e dos caminhos da liberdade na construção da consciência e da responsabilidade na formação da identidade como Ser social, e ainda verificar a sua filosofia como possível fundamento e contribuição para a educação.

1 A FUNDAMENTAÇÃO DO SER

1.1 Vida e Obra

Jean-Paul Sartre nasceu em Paris aos 21 de junho de 1905. Mesmo tendo ficado órfão com apenas um ano, gozou de certos privilégios, pois seu pai era oficial naval e fora acometido por uma febre em 1906. Criticava fortemente os valores e as tradições de sua classe social, a burguesia, pois era sensível ao modo como a burguesia rescindia a pretensão popular e os movimentos sociais, fazendo-o negar interesse na autoridade e não possuir desejo de exercer poder sobre os outros.

Desde muito jovem tornou-se um “pedantezinho”, conforme chamavam seus colegas. Vorazmente começou a ler, obtendo assim uma vasta gama literária, boa parte era compreensão psicológica ou intelectual sua. Em meio ao cinismo e da aversão a si próprio, seu segredo era indubitavelmente uma grande suavidade que o fazia reconhecer e não negava “ser um gênio” e “ser mil Sócrates”.

Sartre costumava frequentar cafés e sempre era visto em intensas discussões sobre filosofia com seus amigos (incluindo Aron e Merleau-Ponty). Um dia juntou-se ao grupo de Simone de Beauvoir, demonstrando capacidade e se garantindo naqueles debates filosóficos. Aquela moça possuía formação burguesa formidável, análoga a Sartre, pois recebera instrução de classe alta em um colégio de freiras, se rebelando e tornando-se antiburguês com aquele que outrora se tornou seu amante.

A verdadeira paixão na sua vida era escrever. Logo se dispusera a pensar em uma nova teoria, mas, na verdade, aniquilava sempre uma teoria seguida da outra. Para Sartre, Descartes estava errado, Kant era inadequado, Hegel era burguês, de modo que toda a filosofia clássica se adequava a vida do século XX. Ele também se deixou se tocar pela psicanálise de Freud, mas em seguida percebeu que a hipótese psicanalista Freudiana negava a autonomia da mente. Com o desmoronar de suas edificações intelectuais lhe restou desenvolver sobre a liberdade do indivíduo.

Os seus primeiros escritos filosóficos como *A imaginação* (1936), *Esboço de uma Teoria das Emoções* (1939), *O imaginário* (1940) são permeados de um pensamento que leva ao existencialismo, tornando-as amplamente desenvolvidas em *O ser e o nada* (1943) e em *O existencialismo é um humanismo* (1946).

As ideias que fundamentam a nova teoria existencialista de Sartre emergem a partir da fenomenologia de Husserl, do existencialismo de Jaspers e Heidegger, das obras de

Kierkegaard, aliadas as leituras de Nietzsche.

Considera-se vasta a literatura que compõe o universo existencialista, tornando-a um movimento complexo, não unívoco, que desviar-se da ideia de um modismo, que a faria perder o seu real significado. O existencialismo consiste, portanto, em uma doutrina otimista, uma doutrina de ação que coloca o destino do homem em si mesmo (Sartre, 2012, p. 45) objetivando dar sentido a existência humana por meio da liberdade, da consciência e responsabilidade.

1.2 Em busca do ser

O existencialismo proposto por Sartre é uma filosofia do indivíduo - enquanto ser, no sentido fenomenológico e ontológico, e da sua relação com o mundo. O fenômeno é, portanto, aquilo que se manifesta, e o ser se configura e se manifesta a todos, assim, dele compreendemos e podemos falar. A ontologia nada mais é que a descrição do fenômeno de ser tal como se manifesta” (SARTRE, 2013).

O pontapé para a filosofia existencialista se dá em torno da consideração da famosa frase: “A existência precede a essência” (SARTRE, 2012, p. 23), logo compreende-se que é necessário existir para ser! É durante toda a vida que o sujeito constrói a sua essência, se definindo a todo tempo, o que ele é. “O existente é fenômeno, pois designa-se a si com um conjunto organizado de qualidades” (SARTRE, 2013, p. 19), designando-se a si mesmo, e não seu ser.

Sartre se propõe na sua filosofia desvelar o ser a partir das suas infinitas ocorrências, intrinsecamente voltado ao mundo concreto e a vida cotidiana do mundo. Nesse sentido, Perdigão (1995) nos faz entender que, aquilo que desejamos definir já se encontra contido na sua própria definição, pois o ser está em toda parte, ou seja, é um ser qualificado, tal como venha a ser, em forma de acontecimentos.

O que é aparente, revela essência, e ao revelar-se como é, apresenta-se transcendente, pois é finita e diversas as suas manifestações, porque cada relação é caracterizada por uma contínua mudança do sujeito. A realidade humana pode ir além do fenômeno até o que realmente faz o ser enquanto ser, ou seja, até a sua essência. Deste modo, “o fenômeno há de ser transcendente” logo “é preciso que o sujeito transcenda rumo a totalidade da qual ele faz parte” (Sartre, 2013, p. 17). Assim, todos os fenômenos pelos quais manifestam-se o ser, são e dão provas dessa existência em ato.

Aquilo que é objeto, algo concreto, não revela o ser e nem sequer o dissimula, pois, a essência não se encontra no objeto em si, mas no sentido a que este é atribuído, nas formas que

o revela, fundamento daquilo que existe. O ser é, por conseguinte, critério daquilo que se desvela, “é ser-para-desvelar”. Neste sentido, é possível dizer que o objeto pode ser fundamento do ser?

“O objeto não remete ao ser como uma significação: seria impossível, por exemplo, definir o ser como presença- porque a ausência também revela o ser, já que não estar aí é ainda ser. O objeto não possui o ser, e a sua existência não é uma participação no ser, ou qualquer outro gênero de relação a ele. Ele é, eis a única maneira de definir seu modo de ser; porque o objeto não mascara o ser, mas tampouco o desvela: não o mascara porque seria inútil tentar apartar certas qualidades do existente para encontrar o ser atrás delas, e porque o ser é o ser de todas igualmente; não o desvela, pois seria inútil dirigir-se ao objeto para apreender seu ser” (SARTRE, 2013, p.19).

O ser uma vez revelado pode formular e determinar conceitos, não por meio do conhecimento em si da coisa revelada, pois o conhecimento não possui autonomia própria para fornecer a razão do ser, mas ontologicamente, por meio da reflexão daquilo que torna possível as inúmeras essências.

Faz-se necessário recorrer à ontologia e tratar sobre a realidade humana. Inicialmente se deve buscar compreender esta dimensão do Ser- enquanto homem, buscando estabelecer uma verdadeira relação com o mundo, investigar e refleti-lo a partir do que é real, da existência em relação à essência, pois, não é concebível um inverso em que o ser não seja definível, e, não sendo definível, não é, a princípio, nada (Sartre, 2012, p. 25).

O “nada além da consciência” sartreano supõe o entendimento em estado latente de uma realidade indecente, desnuda e pegajosa, carregada de sentimentos, acompanhada de uma severa tentativa de assumir uma responsabilidade da própria existência e atuar de acordo com ela. O nada é o que torna possível a experiência da liberdade, ou seja, é o que possibilita realizar uma análise do ser em sua concreta e absoluta essência. Nesse sentido, nada se esquivava à consciência.

Desse modo, a negação deixa transparecer a consciência, em que uma vez concebida como um não-ser em função de um ser que existe, existe como uma negação do ser, o nada, ou seja, o Não-ser revela o Ser, e como negação, depende do Ser, pois “o Ser é o que é” (Sartre, 2013, p. 39). Nestes termos, o Ser, sendo o que ele é, consciente e responsável por si, é consciente e responsável pelas suas escolhas e pelos outros, ou seja, é responsável por si, em si-mesmo, e pelos outros.

Corroborando Sartre (2012, p. 25) “o homem é não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse eã de existir, o homem é nada além do que ele se faz”. Esse fazer é um fazer consciente e responsável, que

passa a ser um ser e, a sua essência estabelece essência, esse é, portanto, o sentido de um ser cuja natureza resulta em existência, onde o aparecimento determina existir (Sartre, 2013).

“O Ser rege-se pela identidade de si a si, sem relação interna possível. Sendo algo que se auto-ignora, não tem consciência. A consciência, ao contrário, é essa propriedade que o Ser não possui de pensar sobre as coisas, exprimir juízos sobre elas, interrogar a respeito delas e de si mesmo, colocando em questão o seu próprio ser” (PERDIGÃO,1995, p. 38).

Assim, “o primeiro passo de uma filosofia deve ser, portanto, expulsar as coisas da consciência e restabelecer a verdadeira relação entre esta e o mundo, a saber, a consciência como consciência posicional no mundo” (Sartre,2013, p.22), logo, o existir consciente existe como consciência de existir.

1.2.1 O ser-em- si

Para melhor desenvolver essa discussão, torna-se relevante retomar o seguinte questionamento sartreano: “é possível que o não ser venha a ser fundamento do ser?”. O nada só pode surgir em relação a alguma coisa, ao ser, subentendido no ser e alicerçado em uma realidade precisa, implicando o ser para negá-lo.

O ser é uma categoria geral que abrange tudo quanto existente, inclusive a consciência, o que quer que seja, que esteja fora disso, não existe de modo algum. O nada do ser ou não ser, nada é, logo, assinala-se a consciência desse nada que se distancia totalmente do ser.

“Toda consciência e consciência de alguma coisa. Esta definição pode ser entendida em dois sentidos bem diferentes: ou a consciência é constitutiva do ser de seu objeto, ou então a consciência, em sua natureza mais profunda, é relação a um ser transcendente. [...] Sem dúvidas, pode-se ter consciência de uma ausência. Mas esta ausência aparece necessariamente sobre um fundo de presença. [...] Assim, se quisermos, a qualquer preço, que o ser do fenômeno dependa da consciência, não pela presença, mas por sua ausência, não por sua plenitude, mas pelo seu nada. Se o ser pertence à consciência, o objeto não é a consciência, não na medida em que é outro ser, mas enquanto é um não ser”. (SARTRE, 2013, p.33)

Aqui a consciência possui diante de si um objeto transcendente, onde implicará a existência de um ser que não seja dotado de consciência.

“Chegamos agora ao ponto principal: como entender a fissura interna (a distância a si) da consciência? Afinal, não há qualquer “separação” no espaço e no tempo entre a consciência e si mesma. Ou seja, a separação íntima que existe no miolo da consciência não é “distância física”. E a consciência também não sofre solução de continuidade temporal, ainda que o curso do

pensamento se rompa a todo instante e mude de um estado para outro. Então resta uma hipótese: *nada* separa a consciência de si mesma, *nada* separa um estado de consciência do estado seguinte. Ser consciente de alguma coisa é colocar-se “à distância” da coisa de uma maneira especial: uma distância/feita *de nada*”. (PERDIGÃO, 1995, p. 39-40)

O nada jamais pode ser entendido como alguma coisa que é, bem como o ser, pois a transcendência estabelece a base constitutiva da consciência, que desponta de uma subjetividade real e possui por objeto um ser que não é si mesmo.

Cox (2011) ao comentar Hegel reafirma que, enquanto o ser não possui conteúdo, ele também não é vazio, pois ser e não ser são legítimos lapsos de axiomas distintos apenas em pensamentos. Continua Cox: “Precisamos entender que o ser tem precedência lógica sobre o nada, mas que é do ser do nada que o nada alcança de modo concreto sua eficácia. [...] o ser não tem necessidade do nada para existir” (COX, 2011, p.20).

O ser em-si, sendo somente aquilo que é, está dotado de opacidade em si mesmo. Portanto, “nem é ativo nem passivo, sem qualquer relação fora de si, não deriva de nada, nem de outro ser: o ser-em-si simplesmente é. Daí o caráter absoluto que o ser-em-si carrega como sua determinação fundamental” (PESSANHA, 1984, p.10). Sendo possuidor desse caráter absoluto, o homem sentir-se-á, diante do em-si, um sentimento de mal-estar que será a porta para a náusea¹ sartreana.

Para Sartre, o ser de um existente seria aquilo que aparenta, não existindo nenhuma realidade extrafenomenal. O ser do fenômeno é de responsabilidade da consciência, que por sua vez possui como atributo essencial a intencionalidade, já que Sartre bebeu das fontes fenomenológicas de Husserl.

O não-ser sartreano é “fundamentalmente e ontologicamente um não-ser em relação ao ser; uma negação do ser. [...] o ser-em-si, ao contrário do não-ser, é o que é e não o que não é. Todavia, o que não é (não ser) é. [...] o não-ser do ser-em-si perpetuamente negando o ser-em-si” (COX, 2011, p.22-23).

O em-si, “é fenômeno de ser”, aparece na consciência e em si-mesmo, repleto de si, de pura identidade e integração, carrega consigo uma negação da diferença que comporta todo o ato intencional. O ser sendo, é em si, é o que é. O trajeto aqui realizado no faz ir a partir das ‘aparições’ e nos faz progressivamente estabelecer o Em-si e o Para-si, dois tipos de seres

¹ “Experiencia emocional de gratuidade da existência, ou seja, da perfeita equivalência das possibilidades existenciais” (ABBAGNANO, 2007, p. 703). A náusea sartreana configura-se como uma experiência ambivalente, pois, se de um lado se identifica como descoberta da insensatez e do absurdo da existência, por outro coincide com a tese da origem humana dos significados e dos valores.

distintos, mesmo que tenha sido por meio de informações aparentes e inacabadas” (SARTRE, 2013).

1.2.2 O ser- para- si

O em-si se manifesta ao para-si, numa diversidade de perfis, por meio de reflexos que apenas transluzem em características reais e se diferem por uma qualidade que separa a consciência das coisas.

“Se o para-si obtivesse identidade com o si, se tornaria um ser; remeteria ao ser. Portanto, o para-si possui ambos para ser o projeto perpétuo da negação do ser e poder se realizar como negação do ser, e o projeto perpétuo da negação do si e poder recusar a coincidência com o si que poderia ser sua própria destruição” (COX, 2011, p. 24).

A negação do ser, o para-si, guerrilha com o ser-em-si para ser o não-ser, sem se negar a si mesmo, assim como Deus. Cox (2011) assemelha o para-si a Deus, um ser sábio e uma consciência, porém a consciência de sua existência é tida como um fundamento necessário, ao contrário de ser apenas uma discrição ou uma desconformidade, ou seja, a afirmação da existência de um Deus vem a ser considerado uma única coisa.

Toda e qualquer consciência de ser é sempre e somente caminho do ser-para-si. A consciência do para-si trata-se de uma relação de si para si, fazendo com que o mundo surja ante ela como realidade inerente, como existência.

“O ser da consciência [...] é um ser para o qual, em seu próprio ser, está em questão seu ser” (SARTRE, 2013, p. 122), desta forma o fundamento ontológico da consciência incide em ser si mesmo sob conformação de aparência a si. Segundo Perdigão (1995) o que faz com que o Ser “se mostre” é a convicção, pois, ela cria o mundo e constata-o. De tal modo, é a consciência que carrega consigo questões sobre a realidade e dispõe os porquês.

“O ser que é o que é deve poder ser o ser que não é o que é. Mas, [...] está negação, como todas as demais, vem a superfície do ser pela realidade humana, [...] e não por uma dialética própria do ser. [...] esse princípio só pode denotar somente as relações do ser como o *exterior*, uma vez que, justamente, regula as relações do ser com o que ele não é. Trata-se pois de um princípio constitutivo das *relações externas*, tais relações, na medida em que encerram uma alteridade, não existem” (SARTRE, 2013, p. 126).

A negação de quaisquer classes de relação no cerne do ser-em-si, é, pois, a origem de identidade. O ser como presença de si, denota, portanto, que não é “si” categoricamente, pois a presença de si, implica uma fenda que resvalou pelo ser.

“[...] o princípio de identidade é a negação de qualquer tipo de relação no âmago do ser-em-si. Ao contrário, a presença de si pressupõe que uma fissura impalpável deslizou pelo ser. Se o ser é presença a si significa que não é inteiramente si. A presença é uma degradação imediata da consciência, pois pressupõe separação. Mas se indagarmos agora “que é que separa o sujeito de si mesmo?”, seremos obrigados a admitir que o Nada” (SARTRE, 2013, p. 126).

O para-si nada mais é que o ser que determina existência enquanto este não pode compatibilizar consigo mesmo. O que constitui o para-si é essa fissura no ser que advém da disposição do em-si em busca do si, por meio do nada, ação que coloca em questão a consciência, especificamente o seu ser.

“O que caracteriza a consciência é esse Nada que a distancia do Ser. A lei suprema do Para-Si é estar separado de si e do mundo por um Nada. Contaminado pelo Nada, o Para-Si apresenta-se, ao contrário do Em-Si, como plena *negatividade*. O Para-Si é o Nada que invade o Ser e provoca a abertura no seu miolo. *O homem é o ser pelo qual o nada vem ao mundo*” (PERDIGÃO, 1995, p. 40).

Para Sartre, não existe mundo sem o para-si, bem como não pode haver para-si sem o em-si, pois é essa relação que os envolve pela negação. Se o para-si cria o mundo, pode-se automaticamente afirmar que ele nega o ser e, uma vez negando o ser-em-si, supera-o livremente, encarando assim o seu ser.

“O Para-Si é fuga incessante em direção ao mundo e Nada em si mesmo: ele constitui todos os objetos e valores do mundo e *não é* nem esses objetos nem esses valores. O mundo lhe surge como aquilo com relação ao qual o Para-Si é Nada. Se tudo está fora dele, pode-se dizer que a desaparecimento de todos os objetos acarretaria a desaparecimento da consciência. Sem mundo não haveria consciência” (PERDIGÃO, 1995, p. 46).

A alteridade tem se colocado em questão, onde um não ser adentra-se no âmago do ser-a consciência, e transita livremente. O ser-para-si denominado por Sartre, é livre, pois se coloca em relação ao em-si e a si mesmo.

Percebe-se que existe na visão Sartreana uma imbricação interna entre o que é regido por liberdade e aquilo transcendido pela liberdade, deixando de ser livre. Esse jogo de relação interna dar-se-á entre o passado e o futuro. É na perspectiva de Sartre sobre a temporalidade, que é apresentada sua visão do para-si como possuidor de essência temporal, tornando plausível sua percepção do para-si como sendo, por necessidade livre.

“A realidade humana é uma separação perpétua em relação à coincidência com o si, que nunca é considerada, ao contrário do ser-em-si, o para-si, nunca é

idêntico ao si, sempre além do si em relação ao futuro. Ele não existe como imanência presente, mas sim como uma questão que é seu próprio futuro” (COX, 2011, p. 88-89).

Deste modo, Sartre nos faz compreender melhor ao afirmar que “o homem está condenado a ser livre”. Condenado porque não ocasionou a si próprio, entretanto livre, pois, uma vez inserido no mundo, torna-se responsável por todas as suas ações. (SARTRE, 2012). O para-si é representante do que o ser poderá tornar-se, as possibilidades que o ser não é capaz de captar por si mesmo- mas que carece ser captado por si mesmo, tendo em vista sua negação.

O homem é, portanto, livre, meramente liberdade. Sartre aponta que as escolhas livres, a liberdade, alude a algo que não é a liberdade², desencadeando assim numa constituição de liberdade e não-liberdade, o que nos convém chamar, assim como ele, de facticidade³- uma instável e perpetua contingência do em-si que invade o para-si e o une ao ser-em-si, sem se deixar captar jamais (SARTRE, 2013).

“O Para-si é necessário enquanto fundamenta a si mesmo. E, por isso, é objeto refletido de uma intuição apodítica: não posso duvidar que sou. Mas na medida em que o Para-si, como tal, poderia não ser, tem toda a contingência do fato. Assim como minha liberdade danificadora se apreende pela angústia, o Para-si é consciente de sua facticidade: tem o sentimento de sua gratuidade total, apreende-se como estando aí *para nada*, como sendo *supérfluo*” (SARTRE, 2013, p. 133).

Faz-se necessário, portanto, conservar o caráter de em-si em sua inteireza, mesmo que o para-si seja seu atributo, onde a facticidade do para-si é o fundamento de seu “ser-consciência” ou “existência” sem fundamentar de modo algum a presença. Deste modo, a consciência não poder evitar-se de ser, todavia, é completamente responsável pelo que é- o seu ser.

1.2.3 O ser- para- outro

Inicialmente havia sido discorrido sobre uma consciência isolada no mundo. Embora fosse possível pensar, é inoportuno afirmar que existe, pois, as relações exercidas de homens com outros homens- existem no mundo com outros, caracteriza-se pela multiplicidade de consciências, conforme de fato se faz necessário.

² A liberdade é fonte de angústia do para-si. “O homem se angustia porque se ver compelido a escolher. A angústia da liberdade é a angústia de optar, de fazer escolhas” (PENHA, 2001, p. 57).

³ “A facticidade é apenas uma indicação que dou a mim mesmo do ser que devo alcançar para ser o que sou” (SARTRE, 2013, p. 133). Sartre deu o nome de facticidade ao fato da liberdade, ou seja, ao fato de que a liberdade não pode não ser livre e não pode não existir: neste caso, liberdade identifica-se com necessidade do fracasso.

Sartre se propõe em seus estudos descrever sobre as relações humanas, ao abordar, de modo preciso, sobre a existência do outro e das suas relações concretas com o para-si. Faz-se, portanto, levantar os seguintes questionamentos: quem é e o que é o outro? Como o para-si se relaciona com os outros para-si? Estes questionamentos, de fato, são imprescindíveis, uma vez que a tentativa de os responder fundamentará esta proposta de reflexão.

Afirma Sartre (2013, p. 222) “[...] eu preciso do Outro para poder perceber totalmente as estruturas do meu ser. O Para-si se refere ao Para-outros”. A estrutura essencial do para-si, é o “ser para-outro”, pois este por sua vez liga-o ao em-si, revelando-o ao para-si, sua própria existência, transformando-o em seu poder nadificador.

“A convicção na existência do Outro é um dado imediato na minha vida: apenas sei, sem a menor dúvida, que esses corpos alheios que se movem não são meros objetos, robôs ou imagens irreais criadas por mim. É tão absoluta essa certeza quanto a certeza que possuo da minha própria existência” (PERDIGÃO 1995, p. 137).

O si, do para-si, não é exatamente um objeto, é, na verdade, uma indomável negação do ser apoiada em um ser que não é. Ele está no mundo não como os objetos, mas como uma “transcendência, como ser-no-mundo.

“[...] minha certeza vai além: reconheço o Outro como consciência, como sujeito, como Para-Si igual a mim, portador do mesmo poder de nadificação e da mesma intencionalidade, a agrupar as coisas à sua volta e, através do “Circuito da ipseidade”, a fazer do mundo o lugar dos seus projetos. Capto no Outro um sistema de experiências, sentimentos, vontades e ideias que não é o meu, um projeto e uma organização do mundo que não são os meus (PERDIGÃO, 1995, p. 137).

Um fato que se deve considerar é que o modo de olhar para o outro pode condicionar a liberdade alheia, fazendo-o passar de sujeito para objeto. Ao inserir o ser-no-meio-do-mundo, ou seja, um indivíduo como objeto no meio de outros objetos, tornando-o coisa ao lado de outras coisas, sujeitando-o ao julgamento, esta passa a torna-se apenas um mero ponto de vista no mundo percebido pelo outro.

“Ora, de modo algum esse “sujeito que não sou” poderia ser “objeto” de meu conhecimento. Para conhecer de fato o Outro enquanto subjetividade eu teria de ser, eu mesmo, “sujeito da consciência dele”, isto é, transformar-me na consciência alheia. Isso eliminaria já qualquer alteridade (do latim “*alter*”: outro), termo que designa justamente a multiplicidade de consciências, o caráter daquilo que é Outro. Eu e o Outro seríamos o “mesmo”, o que é absurdo. Portanto, o simples conhecimento do Outro não me dá condições de apreendê-lo enquanto sujeito, mas apenas como objeto” (PERDIGÃO, 1995, p. 137).

Ao perceber-se, o para-si sente-se ameaçado pelo olhar do outro, um olhar que o desloca para além de seu ser neste mundo, lança-o em meio ao mundo, que é este mundo e além dele. Essa sensação estranha de existir como objeto para os outros, existe porque é percebida, como ser-para-outro, e ser-com provoca conflito⁴ comportamento que emerge a partir da convivência com o outro.

“Experienciar a si mesmo como objeto para o outro é experienciar o outro com um sujeito. É esta experiência direta e imediata do si mesmo como objeto para a subjetividade do outro que revela o outro a ele como o outro. Ele experiencia o outro através da negação interna, imediata, de sua própria subjetividade transcendente do outro” (COX, 2011, p. 67).

É na experiência cotidiana que o para-si conhece a realidade do outro. “Experienciar o outro é, portanto, a pessoa existir em seu próprio ser como uma transcendência transcendente” (COX, 2011, p. 67). A existência do outro não é uma probabilidade, pois “se o Outro não me é imediatamente presente e sua existência não é tão certa quanto a minha, toda conjectura a seu respeito carece totalmente de sentido” (SARTRE, 2013, p. 324). Portanto, continua Sartre: “[...] não conjecturo a existência do outro: eu a afirmo”.

A vergonha, segundo Sartre, é uma forma na qual o ser-para-os-outros se revela existencialmente. Alguns outros fenômenos como a culpa, timidez e insanidade estão relacionados com a vergonha, porém o ser-com-os-outros não se encontra limitado por essas condições repulsivas do ser. O ser-para-outros também é responsável por situações agradáveis como o estado de sentir-se lisonjeado e orgulhoso.

Quando se identifica o fenômeno do ser-para-os-outros, é possível provar a existência de outras mentes. Faz-se necessário que outras mentes existam para que outros indivíduos venham a se experienciar a partir do seu ser-para-outros.

“Para poder experienciar vergonha, uma pessoa precisa somente acreditar que está sendo vista por outra pessoa, então a vergonha pode surgir quando aquela crença é falsa. A existência da vergonha não pode resolver o problema das outras mentes”, pois, “[...] a existência de outras mentes não pode ser realisticamente questionada” (COX, 2011, p.71)

Quando vejo um homem, vejo, portanto, um objeto? Haveria outra forma em que o outro apareça quanto pessoa e não como objeto? Onde se deve buscar a existência do outro?

“É, então, na consciência que devemos buscar a existência do Outro, e não fora dela. “No cogito descobrimos não só a nós, mas aos outros”. Sendo o Outro um fato que me alcança no meu âmago, isso significa que a consciência, além de Para-Si, deve ser também, desde a origem, Para-Outro. “O homem é

⁴ Sartre acredita que o conflito é a essência das relações humanas. O mesmo afirma que: “o inferno são os outros”.

um Ser que implica o Ser do Outro em seu Ser”. A realidade humana é sempre Para-Si-Para-Outro” (PERDIGÃO, 1995, p .138).

Sartre ratifica que:

“É na revelação e pela revelação de meu ser-objeto para o outro que devo captar a presença de seu ser sujeito” (SARTRE, 2013, p. 331). Deste modo, o outro se revela a mim como objeto aceitável enquanto sujeito que é, e revelo-me também como objeto aceitável a um sujeito, já que é impossível ser objeto para outro objeto, fazendo-se, portanto, uma “conversão radical do outro” (SARTRE, 2013, p. 331). Entende-se a partir das colocações Sartreana que: apreende-se o outro como homem pela possibilidade constante de ser percebido por ele.

2 O SER SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE: DESDOBRAMENTOS A PARTIR DA FILOSOFIA SARTREANA

2.1 Ser em sociedade

O homem é essencialmente relação: sozinho não é capaz de vir ao mundo, crescer, educar-se, nem mesmo fazer suas necessidades elementares, pois, é somente com os outros que se completa e se realiza como pessoa.

Ao nascer o homem é, automaticamente, inserido numa sociedade que possui um conjunto de normas, leis e paradigmas que norteiam a vida e permeia as relações, agregando valores baseados na lei e na ordem.

Este, por sua vez, repleto de valores humanos, sociais, éticos e morais, cultiva-os livremente, desencadeando uma relação com os outros. Aqueles que constituem uma sociedade, procura de certo modo uma convivência eficaz, positiva e pacífica, bem como defender a moral, a ética e o sistema que prega ser o bem, o bom para todos. Acredita-se que são os valores humanos ou ordenamento desses que autenticam a postura do indivíduo frente a realidade que ele se encontra inserido.

O processo de sociabilidade humana, ao longo dos tempos, vem sofrendo fortes alterações, que conseqüentemente, descaracteriza o caminho das relações humanistas contemporâneas. As relações hodiernas entre os homens, apresentam-se com um perfil problemático, pois, os princípios universais que norteiam as ações dos indivíduos são drasticamente marcados pelo ceticismo, niilismo, individualismo e utilitarismo.

O homem é um ser enigmático e misterioso, que não se conhece, mas busca compreender a sua essência. Este é, pois, um desafio, enfrentar e refletir a si mesmo. A

obscuridade do ser e do dever e o que resulta no indivíduo essa incompreensão plena do que ele realmente é.

Numa reflexão transcendental, o homem deve se questionar sobre a sua essência a partir das suas possibilidades do ser e do que “venha-a-ser”, constituindo-se assim, como um ser que é, no mundo.

Em Sartre, o homem é enxergado a luz da realidade, da história e do seu engajamento político, marco de uma reflexão de si mesmo e da sua vida. O eixo central sobre a essência do indivíduo e do mundo é o olhar.

“O ser humano realiza uma apropriação particular da realidade coletiva que o cerca, a qual ele mesmo contribui para construir. Ele é resultante desse processo de interiorização da exterioridade coletiva e da exteriorização de sua apropriação particular. O sujeito objetiva-se na história que produz, também se perdendo nela, pois ele sozinho não é o único produtor da história, que é construída coletivamente” (VIEIRA JUNIOR; ARDANS-BONIFACINO; ROSO, 2016).

O homem, é, portanto, resultado do processo de interiorização da realidade que o cerca coletivamente e também é resultado da sua exteriorização particular, assim, ele é responsável pela história que produz individualmente e coletivamente.

“O existencialismo tem como objeto o ser humano singular, mas inserido no campo social. Nesse sentido, as relações entre as pessoas não acontecem simplesmente ao acaso, na verdade, são o resultado de diversas designações, sejam sociais, sejam culturais, sempre através das mediações exercidas pelo outro e pelo mundo. (VIEIRA JUNIOR; ARDANS-BONIFACINO; ROSO, 2016).

A identidade do ser e a sua manifestação acontece por meio do outro quando se é percebido e volta a si mesmo através do outro. O outro implica essência para conhecer a si a o mundo.

“É através dessas mediações vivenciadas que a pessoa poderá transformar seu contexto social e apropriar-se de suas significações. O ser humano é sempre *em relação*, e suas vivências no mundo serão sempre mediadas pelo outro. De certa forma, somos meio, uns para os outros, para realizarmos nosso projeto existencial” (VIEIRA JUNIOR; ARDANS-BONIFACINO; ROSO, 2016).

Segundo Sartre (2013) o homem é nada mais que um objeto para o outro, pois faz-se necessário que haja um outro sujeito para ser apreendido como sujeito. Assim é factível que o indivíduo venha a ser autêntico e inautêntico, pois tais definições aplicam-se ao homem tal como ele é verdadeiramente ou simplesmente ao modo de negá-lo em si mesmo.

“A autenticidade é compreendida pela base insubornável do homem, que não pode deixar de ser o que é, mas que por outro lado, é de se ter presente que há possibilidade do homem ser inautêntico. [...] O homem pode conhecer-se a si mesmo, apropriar-se de sua existência histórica fazendo-se autêntico ou afastar-se de si mesmo, não chegando a ser o que é” (JACOBY; CARLOS, 2005).

Na filosofia Sartreana o ser-em-si e o ser-para-si induzem a reflexão a torno da facticidade, autenticidade e inautenticidade, promovendo uma análise a respeito da nadificação que estes temas remetem. O homem surge da negação do ser que é a relação entre liberdade e facticidade.

Para melhor entender a visão de Sartre a respeito da autenticidade, faz necessário considerar aquilo que ela não é, ou seja, considerar o ser não-autêntico. Ele afirma que a autenticidade é uma antítese da má-fé⁵, logo, a má-fé é sinônimo da não-autenticidade, que possui como característica mais incisiva a tentativa de fugir da responsabilidade.

Com esse pensamento corrobora Cox (2011) ao dizer que o flerte de Sartre é tentar evitar o ato de aceitar a responsabilidade, de certo que a fuga da responsabilidade, é característico de pessoas não-autênticas, que evitam o ato de aceitar responsabilidade por seus atos, optando escolher por não escolher. Estas, por sua vez, sem escolhas, livremente se autoderrotam, pois o ato de imaginar negativamente, se ser ou poder fazer de outra forma, se ver sem opção alguma de mudança e se colocam numa posição semelhante ao em-si.

A famosa frase: “sou aquilo que sou”, remete claramente a aceitação da responsabilidade para si, mas se observarmos atentamente a essa premissa, logo entendemos que os indivíduos sinceros, afirmam que não podem evitar o que fazem, negando a responsabilidade daquilo que os constituem e realizam.

As suas ações não são vistas como algoritmo de suas escolhas, mas, como fenômenos provocados e regidos por uma essência, que não os responsabiliza.

“As pessoas não-autênticas mantêm certos projetos de fuga da responsabilidade por situações atuais ou seus erros do passado, recusando, em má-fé, a admitir que são responsáveis. mas especificamente, elas recusam admitir a incapacidade do eu coincidir com o si da facticidade, ou uma pura transcendência, e se recusam admitir a liberdade ilimitada do eu as implicações desta liberdade ilimitada” (COX, 2011, p. 174)

⁵ A má-fé pode ser compreendida como o ato de assumirmos espontaneamente uma identidade rígida, a ponto de negarmos que exista uma possibilidade de ser algo diferente, ou seja, negar a própria liberdade de escolha. Também pode ser considerada uma tentativa de fugirmos de nossa condição de liberdade, pois nos associamos a alguma imagem que criamos de nós mesmos ou algum papel social que desempenhamos, tentando retirar a liberdade (e a responsabilidade) de nossa ação, com o objetivo de aliviar nosso sentimento de angústia (Sartre, 2013).

Faz-se necessário, portanto, recordar que o para-si nada mais é que a negação do em-si, ou seja, é fundamento daquilo que ele não é. Deste modo, é impossível que seja ou coincida consigo, o si, como um para-si-em-si, que é.

Compreende-se a partir da filosofia Sartreana que “a não-autenticidade é a negação da verdade fundamental de que nós somos livres e responsáveis. Enquanto que a autenticidade, como antítese da não-autenticidade, é a aceitação ou afirmação dessa verdade fundamental” (COX, 2011, p. 174).

Na aceitação do ser, um ser-em-situação, o indivíduo deixa de ser uma consciência sofrida e torna-se autêntica. Sartre na obra Diários da guerra comenta que:

“Ser autêntico é perceber totalmente o ser-na-situação, qualquer que seja a situação, como uma percepção profunda de que, através da realização autêntica do ser-na-situação, pode-se obter a existência plena da situação por um lado, e a realidade humana por outro. Isso pressupõe um estudo paciente daquilo que a situação requer, e uma forma de se atirar nela e se determinar “ser-para” essa situação” (COX, 2011, p. 176, grifo do autor).

Um indivíduo autêntico, deve, pois, reconhecer a situação em que se encontra inserido, e tal situação, exige que este desempenhe a sua responsabilidade nesta ação, desenvolvendo a sua capacidade no seu máximo alcance e determinando-se fundamentalmente como um ser-para na situação. “A pessoa autêntica não tem como objetivo a substancialidade através do voo inútil da sua liberdade. Ela tem como objetivo, [...] a substancialidade através da contínua reafirmação de si mesma em liberdade” (COX, 2011, p.178).

A vida do homem é estabelecida de ações livres e se constitui a partir da liberdade. Assim, a vida é enxergada a partir da instrumentalização de um projeto do ser na práxis, encontrando assim, o verdadeiro sentido do que é um projeto, que é reger o ser por meio da sua liberdade, através das escolhas que estes fazem.

“[...] O homem é um ser no qual toda a essência é precedida pela existência, que ele é um ser livre, que não pode, em circunstância diversas, desejar outra coisa que a liberdade, reconheci, ao mesmo tempo, que não posso senão desejar a liberdade dos outros. Assim, em nome dessa vontade de liberdade enquanto tal, eu posso formar e emitir julgamentos sobre aqueles que procuram ocultar a total gratuidade de sua existência e sua liberdade” (SARTRE, 2012, p. 56).

“O homem existe antes de tudo, [...] o homem é aquilo que projeta vir a ser, e aquilo que tem consciência de projetar a vir a ser. O homem é, inicialmente um projeto que se vive enquanto sujeito” (SARTRE, 2012, p. 26), pois, aspirar é decidir-se conscientemente aquilo que deseja ser, é uma manifestação de uma escolha responsável daquilo que venha a ser (SARTRE,

2012).

Entende-se, portanto, que “o projeto da autenticidade reconcilia uma pessoa com aquilo que ela realmente é”, de certo que “[...] a existência autêntica - o projeto sustentado - é um ideal existencialista inalcançável. Apesar disso, é um ideal que vale a pena” (COX, 2011, p. 178-182).

Deste modo, corrobora Cox (2011): “a existência autêntica é um projeto que tem de ser continuamente reassumido. Uma pessoa é somente tão autêntica quanto seu ato atual”, no aqui, no agora.

2.2 A atual crise existencial

A definição de crise, segue caminhos diversos, tais como: um período difícil ou perigoso, um desequilíbrio, uma carência, uma decadência, uma tensão ou um conflito, ou pode ser entendida como uma deficiência. Segundo o dicionário de filosofia seria as “transformações decisivas em qualquer aspecto da vida social” (ABBAGNANO, 2007).

Estar em crise, é encontrar-se angustiado, perdido no mundo das incertezas, desamparado ou até mesmo, desesperado. Segundo Sartre:

“O existencialista costuma declarar que o homem é angústia; isso significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas o que escolher ser, mas é também um legislador que escolhe ao mesmo tempo o que será a humanidade inteira, não poderia furtar-se do sentimento de sua total e profunda responsabilidade” (SARTRE, 2012, p. 28)

Ao mesmo tempo que o homem tem liberdade (ação individual de escolha), o seu ato de escolha, conseqüentemente, envolve toda a humanidade, responsabilizando-se por si e pelos outros a partir do que escolhe ser. Assim, escolher a si é escolher também o outro.

O que vem sendo colocado em questão é, portanto, o fundamento da relação do homem nesse encontro consigo, com os outros e nas suas relações e como estas se manifestam em crise na sociedade. O que aconteceria, portanto, se todos pensassem e agissem do mesmo modo? O que nos torna semelhantes, sendo que ao mesmo tempo somos diferentes?

Um agregado de valores éticos, morais, sociais e culturais, influenciam diretamente na formação do “eu” em questão e implica diretamente ou indiretamente no outro, por meio das suas relações, endossadas por ações atemporal que implica em valores universais e se constituem como verdade na formação do ser consciente.

E quanto aos problemas que surgem ao longo de nossa existência, como estes

fundamentam o ser e a sociedade em que este encontra-se inserido? Buscar solucionar determinados problemas por meio da capacidade intelectual parece ser bastante complicado, mas é de responsabilidade do homem buscar reorientar-se e viver em sintonia com o mundo, com o outro e consigo mesmo.

Tendo em vista o homem ser autor da sua própria existência, é intrínseco que este use desta condição para tentar dominar a crise e a partir dela, encontrar condições de edificação na formação de seu novo eu, enquanto indivíduo que vive e compartilha nos mesmos desafios enquanto ser social, o contrário disso, seria um homem sem identidade, sem o sentido de ser. De certo que, é no encontro entre os seres que acontecem as crises e que, são as crises que dão identidade e sentido ao ser- parâmetros que segundo Sartre, regem as relações humanas.

Viver em sintonia com o mundo, com o outro e consigo mesmo é um desafio existente que circunda toda a vida do ser humano. Tal desejo vem a ser uma utopia que marca a existência e a coloca em crise. É diante de tudo isso que surgem caminhos que nos possibilita sairmos da angústia e buscar soluções.

A crise nos acompanhada de diversos modos. Tal diferenciação implica nos diversos setores da vida social como a política, vida familiar, economia, religião e particularmente na arte. Ao olhar para a realidade atual, mesmo sendo um ato ariscado de se afirmar, é notório que a sociedade viver imersa em “crises”, resultado da ocorrência de uma decomposição dos atributos que estabelecem a humanidade.

O *cogito*⁶ cartesiano nos recorda que é atributo do homem ser pensante. É através do pensamento que ele detecta toda a problemática que lhe cerca e passa a enfrentá-la de forma coesa. O grande marco do pensamento do homem é a racionalização, ou seja, é por meio dela que acontece a implantação de um espírito crítico e científico, de onde surgem fortes descobertas que visam o progresso do homem moderno.

Acreditar na reconstrução da atual sociedade utilizando os critérios da racionalização que predominam no mundo moderno, nos leva a uma profunda inquietação e euforia, por que não dizer assim conforme amplamente discutido neste trabalho, a uma certa angústia, pois, visa um projeto repleto de novidades, ilusões e desilusões para a nossa sociedade presente e futura, principalmente.

São inúmeras as consequências sofridas pelo homem que não faz adesão ou não consegue sequer, acompanhar os parâmetros desse desenvolvimento, e é justamente aqui, neste ponto, que emerge a crise e torna-se um problema que acompanha todo o contexto social.

⁶ Resume-se nessa palavra a expressão cartesiana “*cogito ergo sum*”, que exprime a auto-evidência existencial do sujeito pensante, isto é, a certeza que o sujeito pensante tem da sua existência com tal.

A Crise racionalista e a crise humanística assolam a sociedade. O fundamento dessas crises, nada mais é que, o fato de o homem encontrar-se envolto por misto de sentimentos de desespero e angústia. Ela surge, portanto, como um fator esmagador do homem, promove a subordinação, desrespeito a dignidade humana e conduz a nostalgia.

Ao mesmo tempo que este pensa está envolvido e acompanhando o progresso, ele perde a sua privacidade ao render-se a atrações conflitantes e humilhantes da sociedade, pois, o silêncio tornou-se barulho, a calma virou uma grande agitação. O homem encontra-se perdido no meio social em que está inserido, em decorrência a ruptura de limites e, da grande desordem da sociedade e da cultura de massa, que os priva totalmente da sua liberdade individual.

“Não somos capazes de escapar de nossa *liberdade*, assim como não somos capazes de sermos outra coisa senão nós mesmos. Podemos, é claro, não exercer nossa *liberdade* em sua plenitude, retraídos por medos e anseios. [...] Até mesmo o ato de não escolher é uma escolha, até mesmo o ato de questionar a *liberdade* ou entregá-la a outrem, [...] é um gesto livre” (JACOB, 2019, p. 37).

É nesse ponto que o modo de vida atual enfrenta a sua principal crise, a perda da autonomia. O homem passa a posicionar-se contra a agitação persistente na ânsia de conseguir liberta-se de uma situação empenhada na construção de uma sociedade em movimento. Por vezes, assumir uma postura de anulação de si mesmo parece ser o único meio que ele encontra para responder a todos os questionamentos e libertar-se da angústia que o fragiliza, impossibilitando-o de assumir o seu projeto de vida ideal.

O que é intrigante é a própria humanidade, pois, para assumir a ideia de existência é preciso saber quais as possibilidades de aceitação ou não do projeto de vida elaborado. “[...] O homem é, antes de tudo, aquilo que tem consciência de projetar vir a ser. [...] é, inicialmente, um projeto que se vive enquanto sujeito (SARTRE, 2012, P. 26). Querer é, portanto, uma decisão consciente.

“Neste sentido, podemos dizer que existe uma universalidade humana; mas ela não é dada, e sim permanentemente construída. Edifico esta universalidade ao escolher-me. Eu a construo compreendendo o projeto de qualquer outro homem, de qualquer época que seja. Este caráter absoluto da ação de escolher não suprime a relatividade de cada época” (SARTRE, 2012. p. 49).

Nestes termos, o homem cria uma situação de crise consigo mesmo pois aquilo que ele planejou ser, não será, e por força da modernidade é obrigado a recriar.

Se entende assim que o marco da crise da modernidade foram os momentos de dúvidas,

de incertezas e de angustia, mas que, nos conduziu a uma reflexão pertinente envolta de tudo o que estava acontecendo. Deste modo, evocaram-se as novas ideologias que induziram e induzem à secularização e ao desencantamento do mundo que separa a ação técnica da existência do ser.

Ao defrontar-se com a crise existencial na contemporaneidade podemos analisar os agregados do homem em relação a busca da realização. A crise do homem contemporâneo supera as demais crises que as antecederam, pois ela emerge do próprio homem, do seu interior, o faz refém de si mesmo, e se desenvolve esporadicamente no seu dia-a-dia.

“Cada um de nós é, dentro de suas possibilidades, criador de si mesmo. cada um de nós é dentro de seus direitos e deveres, responsáveis pela própria construção. Exceto é claro, quando cedemos os nossos contornos aos contornos do medo. Vale então repensarmos a condição proposta por Sartre: condenamos a liberdade? [...] precisamos ser eternos reféns dessa angustia ou podemos nos tornar mestres do nosso próprio querer?” (JACOB, 2019, p. 43).

Sartre afirma que o abandono sentido pelo homem, nada mais é do que o fruto da sua não ação, ou melhor, de seu quietismo.

“O quietismo é atitude daqueles que dizem: ‘os outros podem fazer aquilo que eu não posso’. A doutrina que lhes apresento é exatamente o contrário do quietismo, pois ela afirma: ‘só existe realidade na ação’; [...] vai ainda mais longe, acrescentando: ‘o homem não é nada mais que seu projeto, ele não existe senão na medida em que se realiza e, portanto, não é outra coisa senão o conjunto de seus atos, nada mais além de sua vida’” (SARTRE, 2012, p. 42).

A sociedade passou a ser caracterizada com o selo da insatisfação e clama por um novo referencial que venha a suprir todas as aspirações de ser ele algo positivo ou negativo. Na filosofia sartreana encontra-se os relevantes questionamentos da existência do homem baseados no contexto histórico- social por ele vivido.

A sua fundamentação filosófica surge e se fundamenta a partir do tédio, da angústia, da vivência e da liberdade do homem como fator regente da existência. Sartre acredita que a ação isolada, ação individual, do homem afeta a figura do outro e afirma que o outro é figura indispensável a existência do homem, ao conhecimento de si mesmo, conforme discutido no capítulo primeiro, desta discussão.

Atualmente se vive a cultura do descartável, onde as nossas relações com outro parece não ter nenhum valor. Em outros termos, as relações que existem entre um eu e um outro passa a ser de objeto, onde nada influi seu conceito de relação ao que faço e sou, onde o que importa é a realização de cada individual.

“O outro é indispensável para minha existência, tanto quanto, ademais, o é para meu autoconhecimento. Nestas condições, a descoberta de meu íntimo revela-me, ao mesmo tempo, o outro como uma liberdade colocada diante de mim, que sempre pensa e quer a favor ou contra mim. Assim, descobrimos imediatamente um mundo que chamamos de intersubjetividade, um mundo em que o homem decide o que ele é e o que os outros são” (SARTRE, 2012, p. 47-48).

Deste modo, é possível afirmar que na sociedade contemporânea o homem vive a crise da identidade, não conhecem a si mesmo, pois não são capazes de questionar a sua existência e optam por viver perdido no mundo da incerteza, das decepções e da falta de ação. Pode ainda compor o rol das crises atuais a mecanização, processo pelo qual o indivíduo vive submisso a ação técnica (a máquina), que por sua vez, se impôs e domina a sociedade, desprezando a atividade humana, e se tornando mais um componente da crise existencial.

Surge então a seguinte inquietação: onde encontram-se os valores morais, éticos e religiosos? estes permanecem intactos ou sofrem o mesmo problema? Ora, se a crise é um elemento pertinente a vida do homem, e que este, por sua vez, é um sujeito político, ético e religioso, os valores que o agrega sofre o mesmo entrave, afinal, são estes que o constitui.

Sem dúvidas alguma, a inquietação atinge todos os âmbitos e aspectos da vida humana e torna-se um elemento essencial, pois tais conflitos permitem ao homem a busca de solução e superação destes. Assim, pode afirmar que as crises são necessárias e que estas fundamentam e dão sentido ao homem e a sua existência.

“Para muitos, esta vida é o resultado de uma constante tensão. Um constante conflito capaz de originar tudo aquilo que existe. *O conflito é o pai de todas as coisas*, disse Heráclito, ainda na Grécia Antiga. Não por acaso, o filósofo grego elegeu o fogo como elemento constituinte e primordial de todas as coisas- a *arché*, como o chamavam os gregos, algo próximo do conceito de átomo. Séculos depois, tantos outros o acompanharam. Schopenhauer e Nietzsche, por exemplo, compartilham o mesmo pensamento. *A essência do mundo é o sofrimento*, para o primeiro. E a tragédia, para o segundo” (JACOB, 2019, p. 24).

Podemos assim dizer que a vida do homem é uma consequência desses conflitos, de um ciclo permanente de rompimento e de reconstrução. Tudo quanto se refere a constituição da existência concreta do homem e tudo aquilo que abre espaço para uma reflexão a partir de uma problemática existente, deve ser amplamente analisado e descrito pelo existencialismo.

A conceituação de liberdade parte de um princípio de responsabilidade no qual o homem é consciente de suas ações e responsabilmente responde por elas. Allouche (2019) afirma que somos considerados assim, livres e responsáveis por nossas atuações e obras, e precisamos responder por qualquer transgressão.

“A liberdade, portanto, não pode ser total, fruto de uma consciência pura que nos propicia escolha absoluta. Ela, também não é nula, como se estivessemos atados a um determinismo, à semelhança das coisas. Ela se realiza num campo dialético onde os opostos são assumidos numa tensão nunca plenamente resolvida, seja em direção ao determinismo seja em direção ao livre-arbítrio. Cada ato nosso se enraíza num mundo que de início não escolhemos” (CARMO, 2002. p. 133).

Escolher conscientemente entre o *bem* e o *mal*⁷ na realização das nossas ações, dentro ou fora da sociedade, é colocar-se aprisionado, pois o nosso proceder, nas maiorias das vezes, não é conforme a nossa pretensão, e isso resulta num aprisionamento da nossa liberdade que se encontra amarrada, condenando-nos a determinados limites intransponíveis.

Neste sentido, torna-se assim, impossível não cair em um desânimo e na resignificação, pois tudo acontece como se já aviássemos pensado, refletido. É o que acontece no mundo contemporâneo, não reconhecemos nossos limites, os limites impostos pela sociedade e tal atitude afetam ao indivíduo de modo pessoal e o seu convívio, gerando uma inquietação.

A inquietação, revela uma série de problemas e acaba operando a crise social que é a fonte de toda má conduta humana, motivada pela insatisfação. Esta relação entre homem e mundo- sociedade, cultura, educação- traz em si as perspectivas de transformação, desenvolvimento; entretanto, a má administração e a má-fé, amplamente discutida por Sartre como acomodação vivenciado pelo homem, tornando-os agentes que degradam a existência humana.

“Se a má-fé é possível, é porque é uma ameaça imediata e permanente a todos os projetos do ser humano; é porque a consciência encerra em seu ser um risco permanente de má-fé. A origem desse risco é o fato da natureza da consciência, simultaneamente, ser aquilo que não é e não ser aquilo que é” (COX, 2011, p. 121, grifo do autor).

Resta, portanto, ao homem assumir sua condição de ser homem, movendo-se através da ideia de fazer-se existir enquanto ser individual e coletivo em meio ao mundo e a época vivenciada.

“O filósofo define a existência como a possibilidade de superar a situação de fato, dando-lhe uma nova dimensão. O homem é capaz de revolucionar a cultura criada por ele mesmo, substituindo-a por outra. [...] Para Merleau-Ponty, se há uma verdadeira liberdade, ela só pode existir no percurso da vida, pela superação de partida e sem que deixemos, contudo, de ser os mesmos- eis o problema” (CARMO, 2002. p. 133-134).

⁷ Para Sartre, são “realidades móveis, relativas a cada situação particular e impossíveis de serem fixadas de antemão em um código”. Para os que creem, o bem e o mal, são sistemas de valores constituídos.

Assim, “Não há *existência* sem ato. Não há o *viver*. Compreender a importância desse convite à ação é o primeiro passo para construirmos a nós mesmos. Se compreendemos a vida como ela realmente é, passamos a notar com mais clareza todas as vezes que não a vivemos” (JACOB, 2019, p. 31).

“Quando entendermos o valioso equilíbrio entre a força criadora dos conflitos e a beleza criadora da união, nós fazemos das infinitas potências da vida um constante exercício do agir. Nós realmente vivemos. Somente assim nós encontraremos, mais uma vez, aquilo que nos trona únicos: A nossa liberdade” (JACOB, 2019, p. 31).

3 A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA DE SARTRE COMO POSSÍVEL FUNDAMENTO PARA A EDUCAÇÃO

A proposta inicial de desenvolvimento desta argumentação é permeada pela seguinte inquietação: é possível que a filosofia sartreana venha a ser fundamento para a educação?

Imbuídos que somos envolvidos por conjuntos de valores e herdeiros destes, a educação, um dos princípios humanos, incita na liberdade o indivíduo a inserir-se na sociedade, uma vez, participe da sociedade, tem a oportunidade de projetar o que se quer ser, de modo consciente. Ele é, portanto, protagonista de um projeto que se vive enquanto sujeito (Sartre, 2012, p. 25-26).

O homem é lançado no mundo para um futuro, consciente de todo seu projeto subjetivo, que determinará suas condutas e ações. Nada há de determinado antes do projeto pessoal, tudo que o homem será é resultado de suas próprias escolhas. Olvide que não será o que quiser, pois este querer é visto como posterior àquilo que se projetou ser.

Não havendo no pensamento de Sartre a ideia de natureza existente, o indivíduo será apenas um ser puramente existente. Acerca disso, diz Sartre (2012, p. 19): “Se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que se torna”.

Tudo aquilo que é determinado para a vida é resultado de escolha e vontade. A existência precede a essência, traz consigo o compromisso de responsabilidade que o homem deve assumir.

A escolha do homem é resultado de si mesmo, porém essa escolha, por mais que seja subjetiva, engloba toda a humanidade. Em vista que, quando o homem deseja algo bom para sua vida, significa que também será para todos. A imagem que se cria do homem que quer ser, não cria um homem como se pensa que deve ser.

Toda escolha tem como fundamento ser algo de valor, porque nunca alguém quer o mal. Assim sendo, tudo que se escolhe é sempre para o bem, pois tudo que se escolhe de bom para si, é também para todos.

3.1 A filosofia da liberdade em Sartre

O peso da liberdade tem como consequência a responsabilidade, visto que ela engloba toda a humanidade. A definição daquilo que se quer ser, por mais que seja unicamente escolha própria, sempre abrange a humanidade inteira. A exemplo, quando uma pessoa decide se casar com alguém, ter filhos ou não, ser fiel, todas essas escolhas não estão implícitas somente ao indivíduo a quem escolheu, mas a toda a humanidade. Com isto, entende-se que a responsabilidade de um determinado ser está obrigatoriamente inclusa nos demais seres, ou seja, um indivíduo quando se escolhe, na verdade, está escolhendo o homem.

O homem incumbido pela liberdade assume diante dela a responsabilidade de sua própria existência, realizando-a através das escolhas em seu projeto existencial. Não havendo razões determinantes para se apoiar, o indivíduo se angustia e se desespera por saber que é ele mesmo que deve definir sua essência por meio de suas escolhas, e estas englobam não só o sujeito particular, mas toda a humanidade, por isso o peso da liberdade torna-se algo doloroso de o homem carregar.

Portanto, a liberdade possui duas vertentes na existência do indivíduo, uma que está intrinsecamente voltada a si mesmo, e outra que insere a humanidade inteira em consequências de suas escolhas.

Diz que primeiro o homem nasce, é lançado no mundo, depois se descobre por meio de sua consciência, e por fim se define por meio de seu projeto pessoal. Com isso, fica claro que não há nenhuma natureza ou predeterminação que fundamente a conduta moral do homem, o indivíduo é produto de seu próprio projeto pessoal.

Há, porém, um peso sobre a formação da própria conduta criada pelo homem, ou seja, sendo o indivíduo que se autodefine, ele também carrega em si suas próprias responsabilidades geradas pela consciência e escolha. Esta responsabilidade não se resume apenas ao sujeito que a possui, mas inclui a todos, torna-se, assim, um caráter geral da humanidade.

No entanto, não há como fugir da condenação da liberdade, posto que dela derivam as demais ações que o homem constrói ao longo de sua vida. Não esquecendo que a subjetividade no pensamento sartreano engloba não só o indivíduo particular, mas todos os

demais, como se verifica nas palavras do pensador, “[...] pelo *cogito*, descobre também todos os outros, e os descobre como a condição de sua própria existência.” (SARTRE, 2012, p. 34)

Toda a fundamentação feita por Sartre tem por fim apresentar pressupostos que confirmem a relação do humanismo com o existencialismo, buscando um viés de ligação através da transcendência e subjetividade, ou denominada por Sartre como Humanismo Existencialista.

A liberdade assume, portanto, um papel primordial na criação dos valores do homem, pois é por meio das escolhas realizadas no uso da liberdade que o indivíduo cria seu projeto pessoal. É inevitável não poder escolher já que, seguindo o pensamento de Sartre, negar escolher já é exercer uma escolha, e assim o homem está condenado a ser livre. “A escolha é possível em um sentido, mas o que não é possível é não escolher” (SARTRE, 2012, p. 36). O filósofo ainda afirma:

“E, além disso, dizer que nós inventamos os valores não significa outra coisa senão que a vida não tem sentido *a priori*. Antes de começarmos a viver, a vida, em si, não é nada, mas nos cabe dar-lhe sentido, e o valor da vida não é outra coisa senão este sentido que escolhemos” (SARTRE, 2012, p. 42, grifo do autor).

É através da concepção de intencionalidade abordada pela fenomenologia de Husserl que Sartre baseia a afirmação da antecedência da existência sobre a essência. Para Husserl, “o homem é doador de sentido ao mundo que o rodeia porque é capaz de intuir intencionalmente inventando um estatuto de ordenação das coisas” (MELO, 2003, p.150).

A liberdade é, nesse sentido, uma manifestação daquilo que o indivíduo busca realizar em vista de um fim último, entendido como objetivo a se alcançar. Assim, não é o passado, mas o futuro que “define” o presente. Mas, “[...] se o ser é livre, é aquele que pode realizar seus projetos, é preciso que haja distinção entre projeção de um fim e a realização desse fim. Se bastasse conceber para realizar, então a vida seria um sonho” (MOUTINHO, 1995, p. 75). Portanto, a concretude da liberdade é poder construir o próprio itinerário existencial para o futuro, em vista do que se realiza no presente.

3.2 A educação como prática da liberdade

Entende-se a educação como exercício social que objetiva o desenvolvimento integral do homem, de seus potenciais, destreza e competências. Conforme afirma Paulo Freire (2007): é impossível que exista educação fora das sociedades humanas, bem como é impossível haver

homem no nada.

Segundo Abbagnano (2007) designa-se por educação a transmissão e o aprendizado de métodos culturais, maneiras de uso, conduta e produção diante da realidade social a qual o homem encontra-se inserido. Ainda segundo o autor, é impossível que uma sociedade humana sobreviva sem cultura; esta, no que lhe concerne, em suas formas e modalidades, deve se realizar e garantir a transmissão de geração em geração. A esses meios ou formas de difusão, denomina-se educação.

“[...] A educação é uma forma de intervenção no mundo, intervenção que além dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto um esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento” (FREIRE, 2006, p. 98). Ela, portanto, permite ao homem sair da inércia por meio da formação de uma práxis singular, livre e independente.

O que se busca abordar aqui, não é tão somente saber por que o homem é livre, mas buscar compreender e discutir os caminhos da liberdade. Não obstante, somos livres, e a nossa liberdade nos permite fazer escolhas. Não é fazer qualquer escolha a todo e qualquer momento, tal como desejamos, pois as escolhas encontram-se condicionadas a dois fatores: limitadas e possíveis, em partes.

No existencialismo, a liberdade corresponde a perspectiva de escolha. Aqui se tem o cerne dessa discussão, pois, mesmo que o homem não tenha uma essência pré-determinada, ele “se escolhe” durante a sua vida, portanto, ele é livre (SILVA, 2005).

Abbagnano afirma que é possível distinguir duas formas fundamentais de educação:

“1.^a a que simplesmente se propõe transmitir as técnicas de trabalho e de comportamento que já estão em poder do grupo social e garantir sua relativa imutabilidade; 2.^a a que, através da transmissão de técnicas já em poder da sociedade, se propõe formar nos indivíduos a capacidade de corrigir e aperfeiçoar essas mesmas técnicas” (ABBAGNANO, 2007, p. 358).

Não desprezando a primeira colocação a respeito da educação, debruçemo-nos inicialmente a apenas à segunda definição de educação, pois a mesma encontra-se pautada a partir da prática da liberdade individual.

Compreende-se, a partir do segundo conceito, que a transmissão de técnicas outrora adquiridas e implementadas na sociedade possui como meio a possibilidade de aperfeiçoamento de técnicas a partir da iniciativa própria dos indivíduos. “Nesse aspecto, a educação é definida não do ponto de vista da sociedade, mas do ponto de vista do indivíduo: a formação do indivíduo, sua cultura, tornam-se o fim da educação” (ABBAGNANO, 2007, p. 358).

Assim conclui o autor o seu pensamento:

“A educação é definida como formação do homem, amadurecimento do indivíduo, consecução da sua forma completa ou perfeita: portanto, como passagem gradual- semelhante à de uma planta, mas livre- da potência ao ato dessa forma realizada. [...] a educação é cultura” (ABBAGNANO, 2007, p. 358).

Cultura como produto da formação humana, ou seja, como o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, civilizados, polidos pela sociedade. O homem como produto das suas relações, da esfera genuinamente humana, que carrega consigo conotações plurais de transcendência, de criticidade, de consequências, de temporalidades, mas sobretudo de liberdade.

“É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. Há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo. [...] A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio” (FREIRE, 2007. p. 48).

As respostas não são mais as mesmas, pois elas se alteram no próprio ato de responder, logo, ao se organizar, projeta uma melhor resposta, examina, opera, sobretudo com uma consciência plural da própria singularidade, fazendo-o transcender. “É o homem, e somente ele, capaz de transcender” (FREIRE, 2007. p. 48).

“A *união sintética do homem com o mundo* é, para Sartre, o campo fenomenológico por excelência; a relação da consciência com o transcendente é, portanto, o *concreto*” (SILVA, 2005, p. 183).

3.3 O existencialismo sartreano e a educação

A filosofia sartreana tem cada vez mais se tornado conhecida pela proeminência no indivíduo e pela relevante justificação da liberdade individual- cerne da sua filosofia. Assim como todo e qualquer pensamento (teoria), sua filosofia tem sofrido refutações.

Até então, muitos pensadores entendem que o sistema de pensamento de Jean-Paul Sartre nada mais é que um meio de doutrinação da mais irrelevante qualidade. Diferentemente destes, há ainda quem arrisque apontar o seu modo de pensar filosófico como uma possível fundamentação para a educação progressista.

Khemais Benhamida⁸, é um dos autores que mais escreveu opondo-se a filosofia sartreana, ao ponto de afirmar em suas teses que os escritos filosóficos de Sartre jamais podem servir de fundamento educacional, de um enfoque libertário ou não. O seu artigo intitulado como “*Sartre's Existentialism and Education: The Missing Foundations of Human Relationships*” (O existencialismo de Sartre e a educação: a falta de fundamentação para as relações humanas); trata do caráter particular do “projeto” de Sartre e afirma que o outro surge como “limite da minha liberdade” (BURSTOW, 1983).

Torna-se claro que Sartre não se propôs em nenhum momento da sua filosofia constituir fundamentos para a educação, até porque assim como pensa Benhamida, quando o indivíduo “é obrigado a frequentar uma escola, submetido a um currículo e a uma disciplina”, bem como a realização de testes, inflige e afeta de modo direto a liberdade individual e a existência do indivíduo.

Conforme discutido anteriormente, o existencialismo preza pela liberdade do indivíduo, assim, o homem é constituído de liberdade, é a consolidação do seu projeto escolhido livremente.

Vamos agora nos contrapor a esses pensadores, a partir do seguinte questionamento: fazer o que se quer é ser livre? Sartre identifica o ser humano apenas como liberdade? O outro implica a minha existência?

Decerto que somos livre e podemos agir como pensamos que devemos agir, porém devemos ter consciência das nossas ações e atos e nos responsabilizarmos por eles, conseqüentemente fazer o que se quer nos condiciona a responder com responsabilidade as nossas atitudes, logo a nossa liberdade encontra-se limitada e fadada a um regime cultural e social na qual nos encontramos inseridos. Portanto, afirmar poder fazer o que desejamos é uma atitude grosseira de afirmar que somos livres.

Também não é coerente afirmar que Sartre vê o ser humano como total liberdade, pois o que ele faz nada mais é que associar a existência humana à liberdade, e que a liberdade implica de modo direto e indireto em algo que não é a própria liberdade, afirmando assim que “o homem está condenado a ser livre”, “Condenado, pois ele não criou a si mesmo, e, por outro lado, contudo, é livre, já que, uma vez lançado no mundo, é o responsável por tudo que faz” (SARTRE, 2012, p.33).

Conforme corrobora Sartre (2013) o outro implica diretamente na minha existência,

⁸ Doutora pela Indiana University, Bloomington Indiana, em História e Filosofia da Educação.

pois é quem permite a percepção imediata daquilo que sou, logo, sou como o outro me ver, pois ele revela a minha essência, me constitui e transforma em um novo tipo de ser, dando-me novas qualificações. Deste modo, o outro “é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo”, que revela originalmente meu ser, me arremessa para fora de mim, rumo as estruturas que, simultaneamente, me escapam e me definem (SARTRE, 2013, p. 317).

Tentado responder aos questionamentos que contrapõe a filosofia sartreana ao viés educacional, é possível, agora, nos deter a fundo sobre a educação na perspectiva existencialista de Sartre.

Falar sobre um mediador na filosofia de Sartre, implica dizer que este anula a liberdade individual, acarretando escolhas que já não são livres, visto, talvez, como uma imposição a liberdade do indivíduo. Porém, “é possível sim que o professor colabore com o aluno, desde que essa colaboração tenha como objetivo essencial reconhecer o aluno como uma liberdade, e não como um ser ignorante que deve ser auxiliado” (SILVA, 2005, p. 191).

Em outra ótica de liberdade absoluta, o indivíduo pode se permitir ser acompanhando e auxiliado em vista da realização e cumprimento do seu projeto pessoal, pois as relações humanas, por mais que sejam divergentes, nos constituem. Por mais que se diga que “a existência do outro constitui um limite para a minha liberdade, contudo, não me limita como ser humano”, pois é “o outro que me torna um ser humano” (BURSTOW, 1983, 109).

Burstow (1983) afirma que Sartre “vê o outro como um aspecto essencial da situação humana”, e que todas as situações humanas, compartilham de uma mesma estrutura, caracterizado como o outro, o “meu próximo”. Aqui entendemos que o ser humano não é um para-si, mas para-outros, assim como o próprio Sartre afirma ser “um ser-para-muitos-outros”.

Podemos assim também nos perceber como um ser-para-outros. Independentemente da minha vontade de anular o outro e de outros poderem limitar a minha liberdade, ele(s) existe(m). Aqui já encontramos mais uma arguição favorável para uma teoria educacional, logo, a necessidade de ser-para-outro, nos faz mais autênticos.

“Se a autenticidade requer que estejamos plenamente conscientes de nossa situação e por ela assumamos responsabilidades, e se nosso ser-para-outro é parte necessária de nossa situação, a autenticidade requer que estejamos plenamente conscientes de nosso-ser-para- outro e que o aceitemos. Mas não podemos fazer sem o auxílio dos outros” (BURSTOW, 1983, 111).

A autenticidade solicita que aprendamos o máximo dos outros o nosso ser-para-outros. Essa proposta pode ser compreendida como um projeto de aprendizagem que pode ser uma proposta para a educação.

Os objetos sociais são produtos da compreensão intersubjetiva, pois nos endereçam e estabelecem a possibilidade de convivência, comunicação e compreensão. Emergido assim a existência de um mundo social intersubjetivo, faz-se necessário esclarecer o mundo. O professor assume a função de transmissão de conhecimento das realidades que compõe o mundo sem ao menos violar a liberdade do aluno, de forma simples, clara e eficaz.

“Considerando-se a realidade de nosso ser-para-outro, o mundo intersubjetivo e o advento dos nós-sujeitos e dos nós-objetos, pede-se ao indivíduo que aprenda com os outros para compreender a si mesmo e a sua situação. Sua autenticidade o obriga a aprender para poder aceitar o que se deve ser aceito e- algo que Sartre também inclui em sua descrição de autenticidade- a mudar o que ode ser mudado” (BURSTOW, 1983, p. 112).

Torna-se relevante o papel do outro para ensinar. É necessário que nos conheçamos para compreender a nós mesmo e as nossas situações, e havendo interesse comum nas relações hodiernas, pode haver concordância com esse ensino.

“A educação tem por base o relacionamento entre professor e o aluno”. O professor é aquele que aponta a verdade para o aluno numa verdadeira relação de “para-sis⁹”, “afinal, para que haja tal relação é preciso concordância entres os sujeitos do processo educacional” (SILVA, 2005, p. 190).

3.4 A relação entre Base Nacional Comum Curricular e a filosofia sartreana

Inicialmente busquemos compreender o que é a BNCC e a sua finalidade para a educação básica brasileira, já que a aprendizagem é uma meta para o país.

“A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE)” (BRASIL, 2018, p. 7).

Conforme define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a aplicabilidade deste documento é exclusiva à educação escolar, bem como a sua definição. Tal documento foi criado de modo particular para o ensino médio, tendo como meta suprir as lacunas na qual os índices de aprendizagem, repetência e evasão escolar eram bastante preocupantes. Com a proposta de formulação curricular de ensino, o

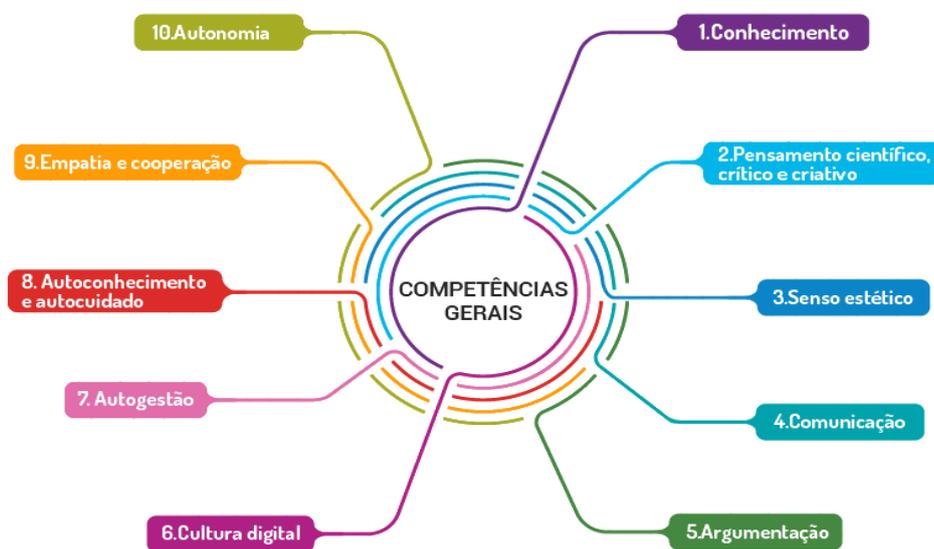
⁹ Sartre mostra, não só que é possível a cooperação entre os homens, mas também como ela se fundamenta justamente na liberdade individual- em Crítica da razão da dialética. (SILVA, 2005, p. 190)

documento normativo passou também a ser referência para a rede de ensino dos estados, incluindo a federação, e dos municípios, passando assim a integrar a política nacional da educação básica.

A BNCC apresenta orientações para as instituições de ensino e seus profissionais objetivando uma adaptação ou modificação do currículo escolar com a novas concepções que devem ser incluídas no planejamento pedagógico feito pelas escolas, a partir das suas competências.

“Na BNCC, *competência* é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2018, p. 8).

O desenvolvimento de dez competências gerais que garantem no âmbito pedagógico os direitos de desenvolvimento e aprendizagem do aluno em todo o decorrer da educação básica. Tais competências se inter-relacionam e estendem-se as três etapas da educação básica, que compreende ao ensino infantil, fundamental e médio, por meio do desenvolvimento de habilidades e formação de atitudes e valores, conforme sugere a LDB.



Fonte: onde eu clico.com.br

Nos debruçaremos agora em algumas competências gerais que enfocam este trabalho em torno de uma fundamentação para a educação progressista a partir da filosofia sartreana. Em linhas gerais, talvez, até o momento, nenhum pensador contemporâneo tenha pensado em associar a filosofia de Jean Paul Sartre a uma tendência pedagógica progressista a luz da BNCC.

Um pensamento novo, de fato, arriscado, é verdade, porém concebível, acredita-se, sujeito a reformulações, para aperfeiçoamento e até refutações. Por ser algo novo, não se encontra obstáculo ao fazer ciência, que possa ou venha a ser conhecimento científico. Não por ser uma nova abordagem teórica, mas por buscar associar fatos novos e inéditos a tantas outras teorias.

A sexta competência geral da educação básica se propõe a uma valorização das diversas formas de conhecimento apoiando-se na cultura, fomentando o exercício pleno da cidadania e do projeto de vida.

“Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade” (BRASIL, 2018, p. 9).

Alicerçado pela filosofia sartreana que pressupõe a liberdade individual e aponta para a responsabilidade pelas suas ações tomadas de modo consciente, o indivíduo, aqui, possui autonomia (porque é livre) para desenvolver-se e, projetar o que deseja ser, alinhando-se ao cumprimento da cidadania por meio das experiências e vivências culturais encontradas na sociedade.

Com essa proposta educacional, já desde a infância a criança é inserida nos campos de experiências em relação aos conhecimentos fundamentais e saberes e são instruídos a partir dessas vivências a construir suas próprias experiências. Conforme descreve o campo de experiência que organizam a BNCC a seguir.

“O eu, o outro e o nós – É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio” (BRASIL, 2018, p. 40).

A proposta da BNCC é que as crianças, desde a tenra idade, tenham a oportunidade de construir relações com outros, com a sociedade, com grupos sociais e culturais diversos, e ampliem, assim, o modo de percepção de si e dos outros, e desde a tenra idade valorizem a sua identidade, desenvolvam o respeito e empatia para com os outros e reconheçam as diferenças que constituem os seres humanos (BRASIL, 2018).

Ainda é possível enfatizar a nona e a décima competência geral que orientam o documento normativo em questão. Ambas as competências procuram orientar o agir pessoal por meio do desenvolvimento do diálogo, da empatia, do respeito, da resolução de conflitos, bem como a valorizar as diversidades que constituem os grupos sociais, as culturas e os saberes. Espera-se que todas essas práticas sejam desenvolvidas com autonomia, responsabilidade, por meio de princípios éticos, e se formem e solidifiquem a partir das relações com o outro.

A proposta para o ensino religioso aponta para imanência e transcendência no processo de construção do homem, enfatizando que ambas as dimensões possibilitam a relação entre os sujeitos. “A percepção das diferenças (alteridades) possibilita a distinção entre o “eu” e o “outro”, “nós” e “eles”, cujas relações dialógicas são mediadas por referenciais simbólicos (representações, saberes, crenças, convicções, valores) necessários à construção das identidades” (BRASIL, 2018, p. 438).

A proposta é garantir aos estudantes da educação básica sejam protagonistas de seu próprio processo de escolarização, de modo livre, e os reconheçam como interlocutores legais do currículo, ensino e aprendizagem.

“Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu projeto de vida, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos” (BRASIL, 2018, p. 463).

Severino (2002, p. 11) nos ajuda a melhor compreender que a educação é uma prática humana, ou melhor:

“A educação é a prática mais humana, considerando-se a profundidade e amplitude de sua influência na existência dos homens. Desde o surgimento do homem, é prática fundamental da espécie, distinguindo o modo de ser cultural dos homens do modo natural de existir dos demais seres vivos”.

Assim, o pensamento pedagógico progressista emerge a partir de uma análise crítica de todas as realidades sociais e firma-se de modo implícito por meio das finalidades sociopolíticas educacionais. Pensadores como Paschoal Lemme, Álvaro Vieira e Paulo Freire foram aqueles que colocaram em ênfase a questão da transformação radical da sociedade e apontaram o papel da educação nessa transformação.

Conforme proposto para este capítulo, fora realizada uma análise profunda da filosofia sartreana sobre um olhar do atual documento normativo da educação, a Base Nacional Comum Curricular, que rege o atual sistema educacional brasileiro nas escolas públicas e privadas, e nas modalidades básicas de ensino, denotando assim, traços da filosofia de Jean-Paul Sartre,

filósofo que impulsionou a filosofia existencialista, pautada na liberdade individual do sujeito, impelindo-o a ser protagonista da sua história, desde a infância até a juventude junto a escola e na sociedade, objetivando-o edificar convicções, em vista de uma idealização pessoal.

CONCLUSÃO

Toda essa reflexão buscou discutir a partir da filosofia Jean-Paul Sartre a questão da alteridade, da relação eu-outro, bem como, procurou analisar a possibilidade da sua contribuição para a formação e construção do ser social e se o seu modo de pensar pode servir como fundamento para a educação.

Para se chegar ao pleno ser, transitamos da mais pura aparência para alcançar a sua essência, fugindo da condição fenomênica que lhe é atribuído, para tocar, assim, na realidade. Buscar compreender filosoficamente o processo da existência humana, das suas relações e contextualizar o pensamento sartreano na atual sociedade é um retornar as fontes do existencialismo, assim caracterizado e definido por Sartre, como um humanismo.

A relação eu-outro encontra-se situados a partir da compreensão do homem real, envolvido em um processo histórico, cultural, político e social, que busca estruturar e direcionar a sua vida a partir de uma perspectiva do ser. A constituição do homem por meio de modos ontológicos, o ser-em-si e ser-para-si, aponta para uma abordagem, homem como objeto, evadindo do processo de transcendência.

Durante o processo histórico, o homem se submete a experiências diversas, boas ou ruins, de caráter emocional e científico, objetivando melhor viver. Este, por sua vez, é um ser inacabado com instrumentos e elementos capazes de modificar a realidade presente e projetar-se em um futuro promissor.

Viver é a aventura mais desafiadora do homem, a cada dia descobre-se mais um pouco, aumentando sempre mais a sua bibliografia como ser racional capaz de modificar o curso dos acontecimentos da existência. Atualmente a sociedade tem que conviver com os mais diversos e modernos avanços que afugentam muitas vezes dos princípios da vida, acarretando assim, o comprometimento com a existência humana.

A formação da consciência que rompe com o nada que a constitui, relaciona-a com o mundo e supera a facticidade- um eu em busca daquilo que ainda não sou. Assim, eu e o outro, imbuídos de uma consciência pautada na liberdade, constituem-se, e desenvolvem-se assim, individualmente, o seu projeto.

Ao analisarmos a crise existencial contemporânea relacionando-a ao pensamento existencialista, queremos não resolvê-la, mas encontrar caminhos para a reflexão. A crise se manifesta em toda a vida humana e em todos os aspectos que as constituem, assim, relacionar a existência é papel fundamental do filósofo uma vez que este se preocupa com a superação e a realização do homem em que é movido pela consciência.

O existencialismo ao tratar da liberdade busca relacioná-la a responsabilidade que devemos ter enquanto ser humano de assumir todas as nossas ações, lembrando que as mesmas são movidas pela consciência que o homem tem de existir. Dessa forma, devemos aceitar que a crise é condição para a nossa transformação, a saber que, é necessário nos empenharmos para buscar a superação e assim sentirmos realizados.

É, portanto, a partir do próprio ser, que se estabelece identidade. É a partir das nossas escolhas, fundamentada na liberdade e expressam intencionalidade que se revela o existente, constituindo assim a experiência humana.

Este trabalho se propôs apresentar a condição e a capacidade do homem se construir e definir a sua essência a partir da sua existência. Faz-se, portanto, descobrir e solucionar todo e qualquer problema que surja na vida do homem, pois só mergulhado em si, este consegue transcender rumo a realização coletiva, mesmo que a crise e angustia o acompanhe durante toda a sua existência.

Após ter percorrido este itinerário, buscou-se ainda por meio da filosofia sartreana encontrar fundamentos para a educação a luz da Base Nacional Comum Curricular, documento que rege a educação básica no Brasil.

Por mais que sejam diversas as incongruências descritas por alguns pensadores a respeito da filosofia de Sartre como fundamento para a educação, ao analisamos e discutirmos minuciosamente essa filosofia, pautada na liberdade, e após ter considerado o pensamento de Bonnie Burstow e Luciano Donizzetti, entende-se que é possível que tal pensamento filosófico seja um fundamento para a educação.

Endossados por tais assertivas, resolvemos ir além da temática em questão, ao associar os pensamentos outrora desenvolvidos ao documento normativo brasileiro, a BNCC, por meio da análise e discussões das diretrizes gerais da educação e das suas respectivas competências que se aplicam a educação básica na rede pública e privada de ensino.

Assim, ao finalizar estas reflexões a respeito do ser, das suas relações com os outros e com mundo, princípio que os constituem, frutos da sua autonomia na liberdade, espera-se ter encontrado ainda mais, possíveis contribuições como fundamentos para a educação a partir da filosofia do grande filósofo existencialista Jean-Paul Sartre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALLOUCHE, Frédéric. **Ser livre com Sartre**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BURSTOW, Bonnie. **A filosofia sartreana como fundamento da educação**. Educação & Sociedade [online]. 2000, v. 21, n. 70 [Acessado 05 out. 2021], pp. 103-126. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000100007>>. Epub 02 Out 2000. ISSN 1678-4626.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2002 (Série Trilhas).

COX, Gary. **Compreender Sartre**. Tradução de Hélio Magri Filho. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

DONIZETTI DA SILVA, L. EXISTENCIALISMO E EDUCAÇÃO – A FILOSOFIA SARTRIANA DA LIBERDADE COMO FUNDAMENTO PEDAGÓGICO?¹. **APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, [S. l.], n. 4, 2018. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3175>>. Acesso em: 10 out. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da liberdade**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006 (Coleção Leitura).

JACOB, Matheus. **Coragem de Existir**. São Paulo: Buzz Editora, 2019.

JACOBY, Márcia; CARLOS, Sergio Antonio. **O eu e o outro em Jean Paul Sartre: pressupostos de uma antropologia filosófica na construção do ser social**. *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on line*, V, n. 1, p. 47-60, nov. 2005. Disponível em: <http://psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/latin_american/v2_n2/o_eu_e_o_outro_em_jean_paul_sartre.pdf>. Acesso em 15 out. 2022.

MELO, N.V. **A escolha de si como escolha do outro: liberdade e alteridade em Sartre**. Recife: INSAF, 2003.

MOUTINHO, L.D.S. **Sartre: Existencialismo e liberdade**. São Paulo: Editora Moderna Ltda., 1995.

PENHA, João da. **O que é existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PERDIGÃO, Paulo. **Existência e liberdade: uma introdução a filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM. 1995.

PESSANHA, José Américo Mota. **Sartre**. Col. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

SARTRE, Jean- Paul. **A Transcendência do Ego**: Esboço de uma descrição fenomenológica. Tradução de João Batista Kreuch. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

SARTRE, Jean- Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SARTRE, Jean- Paul. **O Ser e o Nada**- Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Prefácio. In: Histórias das ideias Pedagógicas. GADOTTI, Moacir. Histórias das ideias pedagógicas. 8. ed. São Paulo: Editora ática, 2002.

VIEIRA JUNIOR, Cezar Augusto; ARDANS-BONIFACINO, Hector Omar; ROSO, Adriane. **A construção do sujeito na perspectiva de Jean-Paul Sartre**. Rev. Subj., Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 119-130, abr. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 out. 2022.